

# The Green Arrow

Copenhague, 14 de novembro de 2009

Samara de Assis

Priscilla Soares

## Alguns posicionamentos:

**Japão:** Reconhece ainda não ser possível abdicar do uso do petróleo, mas é a favor de investimentos no aprimoramento de fontes energéticas alternativas.

**Arábia Saudita:** Sua economia depende em grande parte da venda de petróleo.

**Estados Unidos:** A situação delicada na qual sua economia se encontra não permite intervenção ambiental agressiva.

**Brasil:** Sua estatal mais bem sucedida (Petrobras) comercializa internacionalmente petróleo. Em compensação, faz investimentos em sequestro de carbono marítimo.

**Dinamarca:** É pioneira no uso de matrizes energéticas alternativas. Espera que as outras nações trilhem seu caminho.

## Países e expectativas:

**China:** 40% até 2020

**Brasil:** entre 38% e 42% até 2020

**Finlândia:** 40% até 2020

**Itália:** 30% até 2020

**Indonésia:** 29% até 2020

**Austrália:** 25% até 2020

**Espanha:** 25% até 2020

**Japão:** 25% até 2020 ou 50% até 2050

**Estados Unidos:** 20% até 2020

**Dinamarca:** 20% até 2020

**Suécia:** 20% até 2020

**Argentina:** 15% até 2020

**Arábia Saudita:** 15% até 2020

**Rússia:** 15% até 2020

## O COP 15 e a ameaça do aquecimento global



Copenhague — Foi realizada nos últimos sexta-feira e sábado a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, cujo mote assentou-se na discussão do aquecimento global. Países tiveram seus interesses devidamente defendidos, tendo de conciliá-los com as exigências alheias. O debate teve participação do Brasil, que chegou a ser apontado como possível mediador para a crise eco-

lógica em função da quantidade de desmatamentos e queimadas ocorridos na Amazônia. Porém, foi o poderoso império estadunidense, com um grande histórico por emissões de gases poluentes, o foco principal da discussão.

O BRIC - grupo de países constituído por Brasil, Rússia, Índia e China - foi criticado por priorizar o desenvolvimento industrial em detrimento da utilização

de matrizes energéticas chamadas “limpas”.

O gás carbônico, entretanto, não é o único desencadeador do aceleração do efeito estufa. O efeito do gás metano – adicionado à discussão – e, conseqüentemente o seu impacto, é 30% maior do que se achava até outubro deste ano. A Índia, que por um motivo cultural – seu rebanho de bovinos – contribui para a liberação do gás, foi criticada

## Decisão final

Com o decorrer da elaboração de vínculos e aliança entre os países, a União Européia e os Estados Unidos resistiram cada um a certas propostas do outro. Porém, ainda pode-se dizer que na conferência houve uma frutificação. Mas, quando se pensa nesse termo otimista, considera-se que o debate passou por um processo de contradições; resistiu às dificuldades que

tanto países emergentes quanto países em desenvolvimento arremataram, e também a conceitos mal entendidos por parte dos outros delegados quanto à ratificação dos meios para se ter fonte de energia renováveis.

Por fim, Dinamarca, Itália e Suécia se propuseram a transferir tecnologias para os integrantes BRIC, visando à otimização de matrizes energéticas alternativas

nesses países. E o golpe derradeiro, desferido, claro, pela causa ambiental: todos os países se comprometeram a reduzir suas emissões de gás carbônico – cada um a seu tempo e gosto, mas nenhum, felizmente, cruzando os braços para o planeta.